

ENTRE VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA RIBEIRINHAS: (SOBRE)VIVER NAS ÁGUAS DO RIO ACUTIPEREIRA A PARTIR DE MEMÓRIAS INTERGERACIONAIS

Maria de Nazaré Palheta da Luz¹

Camila Soares Lippi²

O presente trabalho se propõe a escrever memórias sobre a vivência ribeirinha a partir de experiências entre pessoas de gerações diferentes, do mesmo núcleo familiar, escutando as impressões que cada um possui sobre o espaço, o tempo e as transformações que atravessam a realidade ribeirinha no rio Acutipereira, localizado no município de Portel, no estado do Pará, Ilha do Marajó. As transformações que impactam diretamente o modo de vida de quem habita às margens dos rios possuem grau distinto, formas diversas de enfrentamento, mas desencadeando a mesma reação de desestruturação nas relações desses indivíduos com o seu meio ambiente, forçando migrações, causando crises e impondo modos de vida alheios ao que se tem experimentado. O registro dessas memórias busca refletir sobre o impacto dessas mudanças em experiências individual e comunitária, evidenciando assim as estratégias de sobrevivências traçadas por cada um. As memórias são experiências vividas, escutadas e trocadas entre quatro pessoas do mesmo rio, com idades distintas. As conclusões encontradas no registro e reflexão a partir dessas memórias narram a trajetória de cada um, compreendendo que as circunstâncias ambientais, políticas e mudanças globais afetam diretamente a complexa relação entre o ser e o meio ambiente, que se sustenta no conhecimento, nos saberes e no fortalecimento da identidade ribeirinha como ferramenta de enfrentamento em resposta às crises que ameaçam o bem viver dessas comunidades.

¹ Maria de Nazaré Palheta da Luz, graduanda em Relações Internacionais, Universidade Federal do Amapá. E-mail: mariapalheta47@gmail.com

² Camila Soares Lippi, professora de Relações Internacionais, Universidade Federal do Amapá. E-mail: camila.lippi@unifap.br

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais; Memórias; Crises Ambientais; Território

INTRODUÇÃO

Na boca da noite, tudo se silencia, a mata que de dia era tão familiar, se mostra escura, temos apenas a certeza que no amanhecer da madrugada, ela vai clarear e tornar a ser o caminho que andamos de olhos fechados. Nesse silêncio, tudo continua a acontecer, acendemos a lamparina para alumiar nossos passos na estiva, a maré enche, vem a vazante e tudo se reinicia, as horas passam, trovoadas caem, a maniva cresce na roça, o açaí fica tuíra, assim é a coivara da vida ribeirinha, regada de sincronia com as águas. Assim como na calada da noite a vida acontece silenciosamente, longe de nossos olhos observantes, existe algo lá longe, que chega para nós como uma ilha de barranco quando encosta no igarapé, começa a tapar a passagem do casco, finca suas raízes e por vezes, faz o igarapé secar, impedindo o fluxo da água, criando lama. Isso é o que de fora chamamos de crise.

O mistério que cerca esse fator e como se apresenta aos territórios ribeirinhos será mostrado na escrita de memórias e fragmentos de minha história, de meu pai, meu tio e minha avó paterna, com quem tenho muitas conversas misurentas sobre a vida e suas transformações que exigem de nós um deslocamento contra a maré, difícil de se remar.

O registro das memórias aqui descritas e relatadas sob uma forma despretensiosa de ser avaliada a partir de olhares científicos, busca refletir formas de sobre(viver) nascidas de lugares onde a memória é por si mesma, a realidade entrelaçada entre vários mundos, o nosso modo de vida ribeirinho, alheio à correnteza que deságua na precipitação de uma vida cronometrada, descompassada, ordenada para o lucro e para crises. Desse modo, não há intenção de relutar aos métodos de pesquisa e todo seu arcabouço, em princípio, o objetivo dessa escrita é inteiramente ser um olhar cru a respeito da construção de saberes que desconhecem essa linearidade com a qual fazemos nossas pesquisas, escrever sobre memórias ribeirinhas requer que retornemos ao que representa esse elemento do viver às margens, onde essa ciência de vida é inteiramente construída a partir de conhecimentos

próprios, ou seja, é certo que a dinâmica de sobrevivência é compartilhada por outros que se originam desse mesmo modo de existir, porém a especificidade que cada família carrega, até a experiência individual, é muito complexa e mutante, tal qual seus deslocamentos que exigem uma nova maneira de se criar nesses territórios fluidos.

O RIO ACUTIPEREIRA

O rio Acutipereira está localizado no município de Portel, Ilha do Marajó, no estado do Pará. O município de Portel é cercado por quatro rios, sendo um o rio Acutipereira, o rio Pacajá, rio Camarapi e por fim, o rio Anapu, todos com muitos braços e igarapés, uma diversidade de relevo, fauna, flora e cada um com seus próprios mistérios e trajetórias únicas de quem vive às suas margens. É nessa maré que vamos navegar para chegar ao porto que me atracou como filha, no rio Acutipereira, na Vila Campina, comunidade São Benedito. O rio possui diversos braços, cujas águas foram pontes de travessia para minha família paterna, que morou em quase todas as localidades, quando ainda era o principal núcleo familiar de moradores do rio, juntamente com poucas famílias que se mudaram de outros rios do município ou de outras ilhas vizinhas. Outras comunidades e vilas foram sendo habitadas conforme os filhos foram casando e assim, atualmente conta com catorze vilas principais, onde ocorrem as atividades centrais, onde as escolas são construídas e as igrejas formam a organização e disposição espacial desses territórios na beira do rio, em seus braços.

PARTEJANDO VIDAS E PARINDO LUGARES

Aqui escrevo memórias de minha avó Iolanda Tavares da Luz, nascida no rio Camarapi, na localidade chamada Banã, Vila Gomes. Das histórias que ela contava durante a noite quando dormia em nossa casa, seus pais João Baía dos Santos e Dina Tavares se mudaram para o rio Acutipereira quando ela tinha 21 dias de nascida, o principal motivo da mudança foram questões de conflitos com outra família que morava na mesma Vila. Se mudaram para a localidade do Tapauá, no extremo do Acutipereira. Durante sua infância e juventude, ainda habitaram outros braços e localidades, que

posteriormente se tornaram comunidades maiores, moraram na Vila Paraíso, Mocajutuba, Cumarú, Vila Santa Cruz, rio Arapiúna, e por fim, Vila Campina, a última no qual viveram antes de se mudarem para a cidade de Portel, onde a maioria dos seus doze filhos vivos se estabeleceu, tendo uma gravidez interrompida por aborto espontâneo, somando treze gestações, conforme ela conta ainda hoje, nos seus 83 anos de idade. Nasceu no dia 22 de junho de 1942, no Banã, Camarapi. Seu pai viveu até os 70 anos, sua mãe morreu ainda jovem, aos 20 anos de idade, em decorrência de uma hemorragia, grávida. Ela tinha 8 anos quando isso aconteceu. Esse acontecimento teve grande impacto na sua vida, pois foi dada para sua madrinha, Benedita Farache, judia, que morava em Portel, e através disso ela passou até seus 13 anos morando com essa família em Santarém, retornando perto de seus 14 anos para a casa de seu pai. Naquele tempo, o povo vinha dos rios para trabalhar na Companhia, a primeira indústria que se instalou ali, o que ajudou na criação da cidade. Segundo ela, antes de ser Vila, o espaço era habitado por nações indígenas, que foram se espalhando e se misturando com outros que chegavam. Dentre esses, ela relembra que a praia do Arucarã era uma área onde sempre se encontrava louças marajoaras, ossos de cobra grande e outros artefatos indígenas, alguns foram levados para o Museu em Belém, outros se perderam no processo de ocupação da cidade.

Ela conta que começou a fazer parto quando tinha 14 anos, numa situação de emergência na qual uma mulher estava em trabalho de parto, mas a parteira ainda não tinha chegado para assisti-la. Assim, ela fez seu primeiro parto. Nesse ofício, trabalhou até seus 60 anos, sendo instruída depois por sua cunhada e madrastra Marcira Gomes, que era uma referência de rezadeira e parteira nos rios próximos. Além dessa prática, ela também teve o dom de trabalhar com ervas, fazendo remédios para todos os tipos de doença, rezando em crianças, curando mulheres e auxiliando em casos de necessidade dos moradores e filhos.

Ela foi alfabetizada aos 14 anos, por uma professora chamada Ana de Almeida, que dava aula em algumas localidades pela região de Melgaço. Eles alfabetizavam a partir da paleografia, escrevendo com letra de pau, madeira, no tempo em que não existia a possibilidade de acessar papel e outros meios para estudar, um período marcado por muita pobreza de recursos para continuar a estudar. Era só alfabetizar, não tinha um objetivo maior para as crianças ribeirinhas.

Assim, foi quando ela se casou aos 16 anos com meu avô, Valdomiro Gomes da Luz, filho de um curador conhecido do rio Camarapi. Tiveram 12 filhos vivos, foram casados por 56 anos, até o falecimento em 2016. Viveram no rio Acutipereira até o ano de 2003, quando decidiram se mudar por motivo de acompanhamento de saúde do filho caçula, que nasceu com síndrome de Down. Ela conta que queria dar a oportunidade para o filho estudar, mas não havia professores que tivessem conhecimento para alfabetizar ele na situação que estava, precisava de apoio específico. Desde então, foram embora para Portel, morar na Vila Velha, bairro periférico da cidade, próximo da estrada do Acutipereira, atualmente.

Hoje, ela diz que vê as coisas se perdendo, antes as pessoas tinham fartura nas roças, na pesca, palmito. Relembra que meu avô era pescador de pirarucu, mas não se acha mais esse peixe nas redondezas, muita gente mexendo na mata. Doenças difíceis de curar com remédio, a perda do saber que os jovens não estão interessados, a carência para trabalhar na roça, o tempo mudando, para ela, isso tudo vai acabar. Conta também que antes a comida era natural, hoje ela diz que grande parte das doenças vem das comidas de supermercado.

CONTANDO VANTAGEM

Aqui trago a história de meu pai, Waldemir Baía da Luz, a partir de nossas vivências e escutas. Nasceu no rio Arapiúna, braço do rio Acutipereira, no dia 30 de abril de 1966. Cresceu na Vila Campina, onde se estabeleceu e formou sua família, juntamente com Jorgelite Ribeiro Palheta, com quem teve 8 filhos. Desde cedo trabalhou na roça, pesca e manejo de açaí, exercendo no período em que morou na comunidade São Benedito, papel de liderança comunitária. Estudou até a sétima série, não concluiu o ensino fundamental devido ao grande esforço que a roça exigia, impossibilitando de conciliar as duas tarefas.

Nesse período de tempo, muitas mudanças ocorreram, ocasionando uma estruturação no seio familiar, quando meus três irmãos mais velhos foram para Breves, em busca de estudo e trabalho. Muitas dificuldades foram vivenciadas, fome, doenças, falta de recursos, dentre outros. Contudo, apesar de todo afã, seu sonho era que cada um tivesse a oportunidade de escolher seu destino, e acima de tudo, não depender exclusivamente da

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

roça, pois naqueles anos, as coisas estavam ficando escassas, as escolas sempre enfrentavam situações de precariedade, o salário dos professores atrasavam por meses, os barqueiros não eram pagos e a gente tinha que ir a pé para a escola, uma caminhada de quase 2 horas até a Vila Boa Vista onde a escola atendia a maior parte dos moradores do rio.

Nessas travancas, ainda assim conseguimos desfrutar das virtudes que uma vida em comunidade oferece. Rezas, histórias, vivências, mutirão, convidados, torneios de futebol e festividades dos Santos Padroeiros das comunidades, enraizavam nossa vida ali, em meio a tantas trovoadas, até que uma mais forte nos fez navegar para longe, contra a maré.

Em 2012, meu pai decidiu que a melhor saída era mudarmos para a cidade de Macapá, no Amapá, em busca de uma educação melhor e para ele, um trabalho que possibilitasse fazer sozinho, pois o trabalho na roça havia sobrecarregado seu corpo físico, principalmente da maneira que trabalhava, eram muitas roças para pouco retorno financeiro numa família grande. Assim, chegamos em Macapá, cheios de esperança e necessitando de um alívio para sobreviver e estudar. Durante nossa adaptação, muitas consequências surgiram, depressão, falta de apoio familiar, adaptação escolar, o impacto de um modo de vida estranho ao nosso, mas que abria feridas profundas.

TIO TEOFRO

Tio Teofro Lacerda Gomes, 47 anos, nasceu na Vila Santa Cruz, comunidade Santo Ezequiel Moreno, onde vive até hoje. Filho de Maria Luiza e Canuto, primo de primeiro grau de meu pai, Waldemir Baía da Luz. A comunidade foi habitada desde sua origem, pelo meu bisavô Marcos Baía, o qual se casou após a morte de minha bisavó, com Marcira Gomes, a raiz das famílias que hoje habitam a comunidade.

Ele nos conta que começou sua trajetória como dirigente de comunidade desde de sua juventude, e desde então vem organizando a comunidade para sobreviverem às dificuldades que vem se apresentando, o que causa grande parte das saídas de filhos que necessitam sair para trabalhar em outros estados para possibilitarem um futuro sossegado para seus pais, os que ficam no interior, esperando e torcendo para que seus filhos estudem e consigam sobreviver dignamente.

Ele trabalha na comunidade com projetos sustentáveis, juntando os conhecimentos do manejo do açaí e a criação de uma cooperativa que traz o desenvolvimento sustentável para a comunidade, parcerias como a Embrapa, Universidade Federal do Pará, Instituto Federal e sindicatos da região. Segundo ele, trabalhando dessa forma, eles conseguem trabalhar menos e ganhar mais, nesse caso, ganhar tempo de recuperação dos açaizais e igapós, sem prejudicar o sustento dos moradores. Houve uma expansão desses projetos para outras comunidades do rio, mas segundo ele, há outros problemas que estão chegando, o plantio de soja, crédito de carbono, estão como principais meios de causar desmatamento nos outros rios do município, o que é o caso dos rios Pacajá e Anapu.

Para ele, o manejo comunitário é o diálogo que fortalece as alianças, principal ferramenta que eles usam para conversar com outras comunidades sobre as mudanças climáticas e seus impactos nos povos e territórios ribeirinhos.

EU, NA MARÉ SECA...

Nasci no dia 12 de outubro de 1997, num domingo de Círio em Belém, me chamo Maria de Nazaré Palheta da Luz, filha de Waldemir Baía da Luz e Jorgelite Ribeiro Palheta, neta de Iolanda Tavares Baía e Waldomiro Gomes da Luz, e Altair de Almeida Palheta com Orecide Ribeiro Palheta. Nasci no hospital de Breves por conta de complicações no parto de minha mãe.

Desde que me entendi como gente, meu sonho era aprender a ler e ter uma roça. As misuras escutadas, vividas e que me guiam hoje, em águas tão distantes, foram minha concepção como ribeirinha. Na minha infância, desde muito cedo, ajudava meus pais na roça, capinando, tirando lenha, pegando água no poço para lavar mandioca. Não tinha obrigação, mas era algo que me fazia sentir independente e responsável, livre. Andar sozinha na mata, assobiando, atrás de bacuri. A vida era encantada, nem os dias de fome tiravam a presença forte do viver na beira do igarapé.

Nossa casa ficava em frente a um igarapé que se alimentava do fluxo da maré do Acutipereira, dele víamos o outro lado, a Vila Santa Cruz, nossos parentes por parte de pai. Nossa rotina era guiada pela força das águas, da terra, das enchentes e das secas também, não havia energia elétrica, as lamparinas feitas de lata de conserva, sugavam o

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

óleo diesel para alumiar nossas noites escuras e silenciosas. Nossa alimentação era exclusivamente da pesca, da caça, açaí e farinha de mandioca. Catitu, preguiça, tatu, veado, jabuti, era nosso alimento mais presente. Os peixes já estavam difíceis de pescar, não era todo dia que comíamos um tucunaré, traíra, aracu ou pixuna. A maré quebrava, ficava mais difícil estar no ritmo bom para pegar peixe. Os dias de fome chegavam. Era o jeito ir comprar uma lata de sardinha e meio quilo de arroz para esperar o outro dia chegar para ver o espinhel, rezar para ter uma sulamba fígada. A caça sumia. Mais alguns dias sem almoçar, sustentados apenas por banana, beijú de tapioca, farinha.

Mas não foram apenas dias assim, estar na vida comunitária cria laços para além de ser parente. O mundo se criava na imaginação do mundo, a partir do que vivíamos, era nossa única referência. Era brincadeira, reza, banho, reza de novo, e mais um ano se passava enquanto a gente ia crescendo. Até o tempo chegar, o ano onde deixamos nossa casa, em busca de uma vida melhor. Doeu. Foi uma quebra de lançante difícil de achar o fluxo de volta, lama, cuíra, desesperanças de estar em comunidade. Passaram-se 10 anos para enfim, chegar o momento de visitar nossa família novamente, antes era impossível pensar em viajar nas férias, pois era sufocante, como se fosse me afogar em tantas águas que escorreriam ao atravessar os longos rios até chegar no nosso, eu de fora, de volta. De fato, se eu tivesse escolha, jamais teria saído de perto dos meus.

Embora essa trovada tenha empurrado a gente pra longe de casa, hoje nós reconstruímos nossa vida, identidade, nos apoiando no que fortalece nossas vivências e nos alimenta enquanto estamos distantes da beira do rio, mas ainda topamos os nossos pés no chão, olhando pra onde o nosso porto está, beirando a água.

CONCLUSÃO

A proposta do registro dessas memórias, tem o objetivo de revisitar a fonte de vida, a forma como a conhecemos, nos organizamos e adaptamos nos territórios das águas, as comunidades ribeirinhas. Olhar para essa maré e tentar enxergar de onde vem a lama que encobre o brilho das águas, é tentar ver na correnteza, o conflito silencioso que chega para nós, imperceptível como a força que faz a água crescer, mas muito visível aos olhos como quando ela se mostra grande e cheia, faz nosso tempo mudar, buscamos novas estacas,

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

novos esteios para sustentar. Compreender esses silêncios que crescem como um cipó de fogo, que logo cresce e fere aquele que caminha nas matas. Das águas, as memórias de quem aqui foi dito, minha avó, meu pai, tio, nos demonstram que essas crises nos alcançam de repente, forçando mergulhar por águas escuras, sem margem para descansar. Logo, esse conflito permite uma viagem mais profunda, fazendo lembrar que sabemos nadar, é na maré que fluímos, nos tornamos ela, criamos braços, crescendo da água de um rio que nunca deixaremos de beber, mas desaguamos, nortando as beiras, aquelas que vamos usar como apoio para quando a maré ameaçar secar outra vez, sem nos avisar.